

# Covas decidiu não concorrer

Ricardo A. Setti

**O**s tucanos podem rufar o quanto quiserem suas asas, mas a decisão do senador Mário Covas está tomada: ele não vai ser candidato à Prefeitura de São Paulo pelo PSDB, e não há força à vista ca-



paz de fazê-lo mudar de idéia. O senador, como se sabe, está sendo alvo de pressões terríveis, mas quem conviveu com ele nesses dias que antecederam a volta, ontem, a Brasília para o esforço concentrado da Constituinte pôde perceber que o efeito que se obteve terá sido o oposto do pretendido. Homem afável e de excelente trato, Covas abriga em sua personalidade também uma intransponível obstinação, capaz de transformar-se em teimosia férrea, e é com ela que estão trombando os tucanos e não-tucanos que querem vê-lo afastar-se da rota que traçou.

Como o senador não rasga dinheiro, ele sabe perfeitamente o preço que seu partido pode ter que pagar por sua firmeza em não substituir o candidato que se afastou em razão de uma pneumonia, o ex-governador Franco Montoro. Covas, é claro, acha importante que os tucanos vençam a eleição em São Paulo, mas tem perguntado a amigos com quem troca idéias nos últimos dias: será também imprescindível?

Por acaso, alfineta ele, o ex-governador Leonel Brizola será destruído, se o ex-deputado Aírton Soares, candidato do PDT a prefeito, for derrotado, como será, no dia 15 de novembro? E os projetos políticos do ex-governador biônico Paulo Maluf foram sepultados com a surra que ele tomou nas urnas, em

1986? Covas lembra que Maluf, seja por que razão for, é quem lidera no momento as pesquisas de preferência em São Paulo, cidade onde perdeu feio as eleições para governador. (Ao contrário do que este mesmo articulista erroneamente afirmou na semana passada, Maluf foi o terceiro colocado nas eleições de 1986 para o governo do estado na capital, ficando quase 400 mil votos atrás do atual governador Orestes Quéricia e mais de 600 mil distante do empresário Antônio Ermírio de Moraes, vencedor das preferências do eleitorado na cidade.) Covas esgrime até o exemplo do PT para argumentar que um partido político não é obrigado a vencer eleição municipal para mostrar-se viável. O PT, em 1982, elegeu dois únicos e escassos prefeitos em mais de quatro mil municípios brasileiros, dois anos depois de sua formação, e nem por isso deixou de gradualmente firmar-se como partido, engordando em votos a cada nova disputa.

Não ajudei a formar um novo partido para ser candidato, tem dito Covas, lembrando que, para isso, seria suficiente ter ficado no PMDB mesmo. O senador insiste em que seu projeto político, no que estiver a seu alcance, será concorrer ao governo do estado em 1990, e irrita-se por ser constantemente visto como panacéia — quando da fundação do PSDB, dizia-se que não haveria partido sem ele; agora, argumenta-se que o partido não pode abrir mão de sua candidatura para vencer em São Paulo. Ele não quer ser visto como caudilho, nem se julga titular de oito milhões de votos disponíveis a seu bel-prazer.

Continua convencido, como estava quando se falava de sua possível candidatura a prefeito ainda no PMDB, de que um político não deve voltar a um cargo que já ocupou — e chega até a citar a segunda presidência de Vargas e o segundo governo Adhemar de Barros em São Paulo como exemplos históricos de voltas desastradas. O episódio todo tem servido

para que medite profundamente sobre o descrédito em que se encontram os políticos no país e a posição secundária para que, hoje em dia, se remete a ética pessoal dos políticos: para Covas, é espantoso verificar o número de pessoas que simplesmente nem cogita de examinar suas razões, preferindo ver, em sua atitude, um ato de preservação de uma candidatura à presidência que ele não admite existir.

Não lhe têm faltado, por outro lado, apelos de amigos e colaboradores para que não concorra. Mas o que provavelmente mais tem impressionado o senador são as propostas para que concorra a todo preço — mesmo que seja, como sugeriu em entrevista o senador José Richa, velho amigo de Covas, para fazer campanha à Prefeitura já anunciando uma renúncia, quatro meses depois da posse, para disputar a presidência. Para Covas, isso é inadmissível.

Segundo contam testemunhas da visita que o senador fez à Bahia neste fim de semana, para prestigiar o lançamento da candidatura do deputado tucano Virgildásio de Sena a prefeito de Salvador, Covas demonstrou didaticamente que não se pode levar tal proposta ao eleitorado. O próprio Sena achava factível um Covas candidato a prefeito e presidente simultâneos. Covas, então, sugeriu: "No comício de lançamento de sua candidatura aqui em Salvador, vou então abrir o meu discurso dizendo que você é candidato a prefeito, mas vai renunciar no meio do mandato para concorrer ao governo da Bahia." Virgildásio de Sena fugiu da idéia como o diabo da cruz.

O senador, que é um homem de brio e de bem, está agastado com os acontecimentos dos últimos dias, mas seguro de que o eleitorado entenderá sua atitude — e mais ainda de que, se o instinto político lhe indica ser este o caminho a seguir, ele não deve arredar pé da trajetória.

Ricardo A. Setti é editor regional do JORNAL DO BRASIL em São Paulo.